

Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes*.

Marginais e suburbanos

De Canoas, Alvorada, Esteio, Novo Hamburgo e Viamão, artistas de diferentes gerações e linguagens revelam como é construir uma trajetória musical fora do centro de Porto Alegre. São experiências marcadas pela distância, pela criação de redes próprias e pela necessidade de inventar caminhos para fazer a música existir.

Maria Bejarano

“Eu não venho da música.” A confissão de Maria Bejarano, que se autodenomina theboddah, condensa uma experiência que tem início na escrita e se estende pela fotografia, poesia, colagem e moda sustentável. Atualmente,

a artista também alimenta aspirações ao design gráfico.

Natural de Canoas, a artista visual e musicista, que se reconhece como

não-binária e queer,

chegou aos palcos por uma via pouco convencional: apresentando aos integrantes da esteiense Frigor um poema antigo de sua autoria. A experiência acabou ganhando uma sonorização e abriu caminho para

seu ingresso no grupo. “Meu sonho inicialmente era ser escritora ou fotógrafa de show”, recorda.

Quanto ao rígido *status quo* que, segundo ela, rege o circuito musical da Capital, theboddah identifica limitações de acesso e visibilidade. “Em Porto Alegre, por exemplo, só toca em lugares com visibilidade quem tem contatos ou toca gêneros musicais mais palatáveis, ou bandas *cover*, que é o que dá grana.” A crítica se contrapõe à linguagem musical e estética da Frigor, que, nas suas palavras, “gosta de brincar com gêneros e embaralhá-los”. Agora a banda prepara o lançamento de seu primeiro EP, *A Arte da Enganação*.

Lú Barata

Ligada aos preceitos do punk e à militância cultural, Lú Barata leva ao palco, com a Lo Que Te Voy a Decir, questões relacionadas à violência de gênero, à exploração e ao preconceito. Baixista e vocalista da formação composta somente por mulheres, cujas integrantes estão divididas entre Esteio e Novo Hamburgo, ela define a proposta do grupo de maneira direta: “Nós transformamos o palco em um show-manifesto”.

As dificuldades se acen- tuam quando entram em pauta temas como gênero e sexualidade. Lú é direta: “Se tu tocas bem, vem o comentário: ‘nossa, tu tocas como um homem!’; se tocas mal, é porque é mulher. É julgamento de todos os lados: pela roupa que tu usas, com quem te relacionas, como tu tocas, como tu te posicionas.” A experiência se traduz na própria definição que faz da formação: “Não somos só uma ‘banda de mina’. Somos um show-manifesto, o desconforto trazendo as realidades violentas”, contesta.

Thai Serrão

“Ser mulher ‘na cena’ por si só já é complicado; ser uma mulher preta, nortista e lésbica às vezes se prova ainda mais”. A constatação de Thainara Farias, conhecida como Thai Serrão, condensa sua experiência como baixista da Fúlsia, banda de Alvorada que condensa

rock, samba, ska, metal, reggae, jazz e funk. Integrante do grupo desde 2018, Thai chegou ao instrumento quase por acaso: a Fúlsia havia perdido dois de seus músicos devido à divergências políticas, e então dispôs-se a assumir o baixo. “Me dispus a aprender um instrumento novo, entender como se faz música e, sobretudo, para sacar o funcionamento do lance todo.”

Nem sempre o cenário lhe foi gentil. Entretanto, sua identidade acabou por tornar-se também afirmação. “O público abraçou o que eu sou, porque, de alguma forma, eu representava o que eles eram”, diz Thai. Depois dos shows, lembra, meninas e mulheres vinham parabenizá-la por vê-la to- cando “com energia e com brilho”. Entre os perrengues e a necessidade de pagar para tocar, a recom- pensa está em através da música ser- vir de exemplo.

“Uma menina que por ventura estiver assistindo a um show nosso corre o risco de perceber que ela também

pode, com a música, contar suas histórias, pode cantar suas verdades e ser celebrada.”

Matheu Corrêa

De Viamão, o guitarrista e compositor Matheu Corrêa vem construindo uma sonoridade que cruza rock, soul, funk e blues com referências da cultura afro-gaúcha. Seu primeiro álbum, *Meu Black É Rock*, saiu em 2019. Desde então, Matheu lançou singles e prepara *Declosão*, no qual amplia esse diálogo ao incorporar elementos de *afrobeat* e *soul funk*.

Como músico e arte-educador, Matheu circula por Viamão, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Esteio, Guaíba e Porto Alegre, conectando diferentes espaços de criação e frentes de trabalho. “É sobretudo a proximidade local a maior potência das nossas cenas”, afirma.

Essa perspectiva estará presente em *Declosão*, que contará com a participação de Mestre Edu do Nascimento, filho de Giba Giba, tocando sopapo. “Trazer o sopapo para dentro do meu trabalho é também aproximar o rock das tradições afro-gaúchas e criar novos diálogos entre essas linguagens”, define Matheu.

Escutas, ruídos e riffs da cartografia marginal

Por Homero Pivotto Jr.

Jornalista e entusiasta do cenário independente, Homero Pivotto Jr. integra o Novo Rock Gaúcho, projeto que busca reverberar a produção autoral da música gaúcha

► Aster — O Que Não Se Quer Perder

EP, 2025 — Canoas

Sonoridade para encarar a rotina exasperante. O quarteto aposta no hardcore melódico e flerta com outros subgêneros alternativos. A verve punk se destaca nas letras, com questões sociais e filosóficas. O EP reúne cinco composições e dois interlúdios, cada um registrado em um estúdio diferente de Canoas — saga que está documentada em vídeos no canal da banda no YouTube.

► Lo Que Te Voy a Decir — Revolte-se

Single, 2019 — Novo Hamburgo/ Esteio

Há muito o que dizer, e elas falam na cara, principalmente sobre luta e direitos das mulheres. O recado dado pelas integrantes vem, sem concessões, no formato de hardcore/punk. Já as letras são fortes e a execução é intensa. O *power trio* ainda conta com poucos registros nas plataformas, mas já fez a gravação de novo material, previsto para ser lançado ainda este ano.

► Ovo Frito — Ovo Frito

EP, 2024 — Canoas

Prato cheio para quem gosta de rock alternativo temperado com psicodelia, referências retrô, MPB e pitadas de jazz. Ativa desde 2021, em suas letras a banda versa sobre afetos, ciclos e sensações do cotidiano, trabalhando sensibilidade sem, no entanto, perder intensidade. Também chama atenção pelos shows cativantes e pela qualidade de suas composições.

► Boca Braba — Ao Vivão & Vivendo

Álbum, 2025 — Viamão

Os guris são brabos — e mostram isso no estúdio e no palco, como destaca esta gravação ao vivo, captada durante o festival Rock na Praça, em Esteio. Com sons que percorrem mais de dez anos de trajetória, a Boca Braba une metal, hardcore e rap para expressar vivências e visões de mundo.

► A Virgo — Dois verões ou a viagem de sífero

Álbum, 2025 — Novo Hamburgo

Com diferentes formações ao longo de sua existência, A Virgo transita por searas musicais variadas. Grosso modo, é rock alternativo, mas incorpora *lo-fi*, psicodelia contemporânea, R&B e música brasileira. O resultado disso traduz-se em uma trilha sonora ideal para curtir a brisa do fim de tarde.

► Fúlsia — Tão Jovens

Single, 2025 — Alvorada

O quarteto define seu som como rock eclético — e isso faz sentido. Além do gênero que popularizou a guitarra no século passado, o receituário incorpora ritmos brasileiros. *Tão jovens*, o lançamento fonográfico mais recente feito pela Fúlsia, é um tema forte, com peso sonoro e boas sacadas na letra sobre a inexorável passagem do tempo.

► Chute no Rim — Mastigando Caco de Vidro

EP, 2026 — Alvorada

Sim, é um coice: hardcore metalizado — ou metal hardcorizado? — carregado de crítica social. Com mais de 20 anos de atuação no *underground*, o trio materializa essa experiência nas três músicas aqui contidas, que dão o recado de maneira objetiva sobre a crueza da vida moderna.

► Escabroso — Ilegalismo por Princípio

Álbum, 2025 — Viamão

O nome da banda faz jus ao som — e isso não é, de forma alguma, um demérito. Trata-se de som extremo, mincore (subgênero derivado do grindcore), feito por criaturas desviantes e cheias de revolta. Esqueça o primor técnico: o negócio é barulho para passar a mensagem de quem está cansado dos padrões.

► Green Eyes Soul — Soul.

Álbum, 2025 — Sapucaia do Sul

No álbum que marca sua estreia fonográfica, a Green Eyes Soul transforma as próprias experiências em matéria musical. Em seu repertório, *Soul* revela o olhar de uma alma inquieta sobre o fazer artístico. Indie rock, rap, soul e samba mesclam-se e criam uma sonoridade de contornos contemporâneos.

► Boneca Voo Doo — A Bizarra Viagem Entre Céu e Inferno

Álbum, 2022 — Estância Velha

A Boneca Voo Doo percorre há duas décadas os descaminhos e as encruzilhadas do rock, embora somente em 2019 tenham surgido seus primeiros registros fonográficos. Este é o álbum mais recente do grupo, reunindo 13 canções. Para quem aprecia o metal alternativo, o disco oferece um repertório no qual alternam-se momentos de agressividade e melodia.



Lú Barata



Matheu Corrêa



Maria Bejarano



Thai Serrão

